

## A MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

*Motivation in physical education classes in high school*

**Victor Matheus Lopes Martinez**

*Universidade do vale do Rio dos Sinos<sup>1</sup>*

**Fernando Edi Chaves**

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo trata sobre a motivação de estudantes para participarem das suas aulas de Educação Física no Ensino Médio. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo envolvendo 20 estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma Escola da cidade de Porto Alegre/RS. O estudo em questão teve como objetivo geral identificar os fatores motivacionais dos estudantes nas aulas de Educação Física no Ensino Médio na referida Escola. A coleta dos dados nos revelou que a maioria dos estudantes são motivados intrinsecamente, porém há também a motivação extrínseca, principalmente pela nota a ser atingida. Quanto à desmotivação, esta foi percebida em alguns estudantes devido à falta de variedade nas aulas aplicadas. Conclui-se então que o professor, suas aulas e os conteúdos desenvolvidos nelas têm influência direta na motivação dos estudantes em participar das aulas de Educação Física.

**Palavras-chave:** Motivação; Educação Física; Ensino Médio.

**Abstract:** This study deals with students' motivation to participate in their Physical Education classes in High School. To this end, a qualitative quality survey was carried out involving 20 students from the 3rd year of high school at a school in the city of Porto Alegre / RS. The study in question had as general objective to identify the motivational factors of students in Physical Education classes in High School at School. Data collection revealed to us that most students are intrinsically motivated, but there is also extrinsic motivation, mainly due to the grade to be achieved. As for demotivation, it was detected in some students due to the lack of variety in applied classes. It was concluded that the teacher, his classes and the contents learned directly influence the students' motivation to participate in Physical Education classes.

**Key words:** Motivation; Physical Education; High School.

### Introdução

A Educação Física, bem como a Educação em geral no nosso país, vem sendo “sucateada”, “deixada de lado” em diversos contextos, algo que pode ser observado na realidade escolar diariamente (KLEIN, 2006). No entanto, nós enquanto docentes, estamos sempre na busca de melhores condições educacionais

<sup>1</sup> [victormatheuslm@hotmail.com](mailto:victormatheuslm@hotmail.com). Estudante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS);

<sup>2</sup> [chaves@unisinis.br](mailto:chaves@unisinis.br); Professor do curso de Educação Física da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)



para os estudantes, buscando ao mesmo tempo, compreender os fatores que os motivam a participar das aulas.

A motivação, por sua vez, é um assunto muito evidenciado na literatura da Educação Física Escolar, onde a falta dela é algo preocupante, como é apresentado no estudo de Ross e Gilbert (1985) de que a desmotivação para as aulas de Educação Física e atividades físicas em geral é gradativa ao longo das séries escolares e do avanço da idade maturacional.

Tivemos a oportunidade de vivenciar esta situação no período em que fui estudante do Ensino Médio em uma Escola Pública (2013 – 2015) e, quando fui estagiário de Educação Física em atividades extracurriculares, também em uma Escola Pública (2018), onde tive a oportunidade de realizar algumas intervenções pedagógicas com estudantes deste nível de ensino.

Portanto, o estudo em questão apresenta como objetivo geral a busca por entender quais são os fatores motivacionais envolvidos na participação de estudantes nas suas aulas de Educação Física no Ensino Médio em uma Escola Pública de Porto Alegre/RS. Já, como objetivos específicos, foram elencados os seguintes: Investigar as motivações intrínsecas dos estudantes nas aulas de Educação Física no Ensino Médio; investigar as motivações extrínsecas dos estudantes nas aulas de Educação Física no Ensino Médio; identificar possíveis fatores que desmotivam os estudantes nas aulas de Educação Física no Ensino Médio.

Sendo assim, acreditamos que a relevância do presente estudo consiste no fato de podermos identificar aspectos e problemas motivacionais dos estudantes no referido nível de ensino, e com base nesses aspectos, buscar uma maior participação destes nas aulas de Educação Física.

### **Contexto da Educação Física no Ensino Médio**

O Brasil tem em sua última etapa educacional de obrigatoriedade de oferta o Ensino Médio, com duração de três anos, é o período que antecede o ingresso à Universidade e cursos de cunho superior em geral (KRAWCZYK, 2011).



Conforme a Lei 9394/96, a Educação Física por sua vez é componente curricular obrigatório da grade escolar desde o Ensino Fundamental, promovendo a saúde corporal, mental e a consciência corporal dos seus estudantes.

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006), nas aulas de Educação Física neste nível de ensino, não se deve somente ensinar as diferentes práticas corporais para os estudantes, mas também fazer com que os mesmos reflitam sobre quais as importâncias e os significados culturais nelas presentes, compreendendo a mesma como mais do que um simples jogo ou brincadeira, mas na sua significância sociocultural e origens. Neste sentido, o conteúdo agora deve ser relacionado com a comunidade escolar, de modo a angariar maior significância cultural, acarretando assim num aumento no nível de adesão dos estudantes.

Essas orientações (BRASIL, 2006), ainda trazem a importância da decisão do que se ensinar, mas principalmente o significado que se está sendo ensinado, qual o significado cultural, algo que cada vez mais passa a ser incorporado na metodologia de se elaborar os planos de aula que serão ministrados. Neste sentido “é muito mais rica a tentativa de sistematizar aquilo que as comunidades praticam do que impor pacotes de atividades institucionalizadas, universais” (BRASIL, 2006, p. 227).

Com base nisso, a Educação Física durante o período que compete ao Ensino Médio deve se preocupar em garantir (BRASIL, 2006):

- a) Acúmulo cultural quanto a oportunizar vivências das práticas corporais;
- b) Participação efetiva da compreensão do corpo e de sua participação no mundo do trabalho, bem como o reconhecimento do direito ao repouso e ao lazer;
- c) Causar no indivíduo a iniciativa pessoal frente ao coletivo no que compete á práticas corporais;
- d) Causar no indivíduo a iniciativa pessoal frente à suas próprias práticas corporais;
- e) Intervenção política frente às políticas públicas do esporte.

A Lei de Bases e Diretrizes da Educação Nacional (LDB), por sua vez já previa essa junção da Educação Física no contexto das linguagens, preparando o indivíduo para o mercado de trabalho de forma mais ampla, mas sem perder o direcionamento (BRASIL, 1996).

Já outro documento de suma importância para a Educação brasileira é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que foi homologada em 2018, com seu advento a Educação brasileira teve recentemente uma atualização em seus parâmetros, a qual passa a reger então a Educação Nacional (BRASIL, 2017).

No entanto, no que remete a área da Educação Física, a BNCC é mais explícita no Ensino Fundamental (anos iniciais e finais). Já na etapa do Ensino Médio, a Base acaba relacionando a Educação Física à área de linguagem e suas tecnologias, conforme indica a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação no seu artigo 35, onde diz que a BNCC referente ao Ensino Médio incluirá obrigatoriamente os estudos e práticas de Educação Física, Arte, Sociologia e Filosofia (LDB, 1996).

Portanto, na área de linguagens e suas tecnologias há a busca pelo resgate e consolidação dos aprendizados ao longo da trajetória escolar do estudante, nos campos da Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa.

Sobre a área de linguagens, a BNCC apresenta que:

No ensino médio, os jovens intensificam o conhecimento sobre seus sentimentos, interesses, capacidades intelectuais e expressivas [...] encontram-se diante de questionamentos sobre si próprios e seus projetos de vida, vivendo [...] contextos socioculturais diversos (BRASIL, 2017, p. 481).

No âmbito da Educação Física em si, este documento traz como responsabilidade da respectiva atividade curricular a exploração de uma maior gama de culturas do movimento humano, tais como: a dança, a luta, a ginástica, o jogo e o esporte. Além de novas experiências, no que se refere à prática de atividades físicas, deve-se avançar para além da simples prática corporal (BRASIL, 2017).

A premissa agora também passa a ser, instrumentalizar os estudantes a refletirem sobre tais práticas executadas por eles, fazendo-os entender a importância de criar e manter um estilo de vida ativo para a manutenção da Saúde,



assim como também levá-los a exercer sua cidadania, fazendo com que questionem sobre seus direitos nos espaços públicos e privados em que possam executar as suas atividades aprendidas no âmbito escolar.

Com isso, surge o Novo Ensino Médio (BRASIL, 2018) que busca considerar o estudante como foco principal, onde os currículos passam a ser compostos pela BNCC e pelos itinerários formativos, buscando uma maior noção de corporeidade e motricidade, para com isso, angariar uma maior noção de pertencimento do estudante para com suas origens socioculturais.

Quanto aos itinerários, o Novo Ensino Médio esclarece:

Os itinerários formativos são o conjunto de unidades curriculares ofertadas pelas escolas e redes de ensino que possibilitam ao estudante aprofundar seus conhecimentos e se preparar para o prosseguimento de estudos ou para o mundo do trabalho (BRASIL, 2018, p. 12).

Sendo tais itinerários especializados em uma área do conhecimento ou na formação técnica e profissional, desde que cumpram uma carga horária mínima, os estudantes podem seguir por três modelos de acordo com as ofertas da instituição, sendo eles:

a) Modelo A: Guiado pelo BNCC, o estudante faz uma escolha inicial para seu itinerário;

b) Modelo B: Guiado pelo BNCC, o estudante após escolher o itinerário terá algumas outras possibilidades de escolhas a se fazer;

c) Modelo C: Guiado pela BNCC, o estudante escolhe livremente dentre uma gama de unidades ofertada pela escola.

Frente a todas essas alterações educacionais ocorridas recentemente, a ideia é que possa haver um aumento motivacional dos estudantes, pois o Ensino Médio passa a ser mais volúvel, moldável, de modo que o estudante possa criar com base em alguns conceitos e disciplinas pré-estabelecidas, seu próprio itinerário e, portanto, assim se motivando a ser parte ativa desse processo de mudança.

## **A motivação**

A palavra “motivação” origina-se do verbo em latim “*movere*”, que significa mover para realizar determinada ação. Motivar é apresentar razões para executar ou não determinadas ações, a motivação, portanto, envolve fenômenos emocionais, biológicos e sociais (MAXIMIANO, 2004).

Podemos tentar entender o tema da motivação com perguntas como: por que alguém pratica atividades físicas frequentemente? No caso do presente estudo surgem questões como: por que um estudante participa das aulas de Educação Física escolar com afinco? Ou o que motiva os estudantes a se envolverem nas aulas de Educação Física? Questões como essas, nos levam a uma questão predecessora, O que é então a motivação?

Para Weinberg e Gould (2001) a motivação consiste na direção e na intensidade do esforço, sendo a direção do esforço o fato de um indivíduo procurar, aproximar-se ou ser atraído por certas situações e a intensidade do esforço refere-se a quanto uma pessoa empenha-se em determinada situação.

Os autores ainda dividem a motivação em três abordagens: a centrada no traço (defendem que a motivação parte de características individuais, a personalidade), a centrada na situação (ambiente favorável para a motivação) e a visão interacional (que consiste na interação entre indivíduo e situação). Esta última visão remete a fatores pessoais e fatores situacionais, gerando assim a motivação que parte do indivíduo (a intrínseca) e a que provém do meio externo (a extrínseca).

Samulski (1992) também apresenta a motivação como um processo ativo e intencional dirigido a uma meta, dependendo de fatores pessoais (intrínsecos) e de fatores ambientais (extrínsecos). Além disso, o autor ainda ressalta a importância da relação entre a intensidade da motivação e a dificuldade da tarefa proposta, sendo essa relação proporcional, de modo que quanto menor a dificuldade da atividade, menor o nível motivacional. Já, se a dificuldade for média, a motivação se elevará substancialmente. “O nível ótimo de motivação para cada indivíduo alcança-se por meio de modificações das condições da situação, por meio da modificação do nível dificuldade da tarefa e por meio de incentivos externos” (SAMULSKI, 1992, p. 65).



A motivação, portanto, tem duas principais facetas, sendo uma delas a intrínseca, que condiz a fatores internos do indivíduo em questão, a fatores de personalidade.

De acordo com Gill (2000) *apud* Weinberg e Gould (2001), a motivação por fatores da personalidade pode ser subdividida em dois motivos, progredir ao sucesso (orgulho e satisfação, realização pessoal) e evitar o fracasso (vergonha e humilhação). No entanto, por vezes a motivação intrínseca é mais rara de se incitar nos indivíduos, mesmo porque muitas das vezes é com estímulos externos que começamos a “tomar gosto” por certas atividades.

Conforme Pizani et al. (2014):

O professor pode influenciar de forma positiva ou negativa a motivação do estudante [...] o melhor caminho para a superação dos mecanismos promotores do comportamento desmotivado no contexto da Educação Física escolar é fazer uso de estratégias metodológicas que promovam [...] autonomia, competência e relacionamento social e, conseqüentemente uma elevação da motivação intrínseca nos estudantes, para que o comportamento autodeterminado tenha maior prevalência no âmbito da Educação Física (p. 264-265).

Ou seja, o professor tem papel fundamental em gerar de forma extrínseca em suas aulas a motivação intrínseca nos estudantes, de forma que a metodologia aplicada pode ser crucial nesse processo.

Samulski (1992) defende então que o ensino deve ser objetivado para o desenvolvimento da automotivação (motivação intrínseca), e com isso ele apresenta algumas técnicas de automotivação, à saber:

- a) Técnicas cognitivas: Propõem-se em determinar metas individuais, autorrecompensa, imaginação das próprias capacidades;
- b) Técnicas motoras: Trazem com exercícios isométricos, rítmicos e com base na inspiração, a motivação almejada;
- c) Técnicas emocionais: Trata sobre o prazer pelo movimento, sensação de sucesso e identificação com o grupo.

Já, o aparecimento da motivação intrínseca, segundo Weinberg e Gould (2001), pode ser dividido em conhecimento, realização e estímulo. Conhecimento remetendo-se a aprender com estímulos novos, realização referindo-se a satisfação pessoal em realizar alguma tarefa e estímulo explicitando às sensações provenientes da atividade executada.

Para a motivação gerada de forma autotélica, fatores psicológicos são preferidos, porém fatores sociais e externos ao indivíduo podem também alterar a motivação intrínseca, pois como mostra o *continuum* de autodeterminação e os níveis de autorregulação explicitado por Fernandes e Vasconcelos-Raposo (2005), o indivíduo, em tese, sai de um momento de falta de motivação ou amotivação, migrando para a motivação extrínseca (como dito anteriormente, muitas vezes é o caminho para evoluir à motivação intrínseca), chegando à motivação intrínseca, buscando assim a autodeterminação.

Autodeterminação, ou *self-determination theory (SDT)*, criada por Deci e Ryan (1985), apresentam a motivação por meio de um *continuum* que vai da desmotivação até a motivação extrínseca e a intrínseca. Nesta teoria, os autores fazem referência de três necessidades humanas básicas para a SDT, a competência, o relacionamento e a autonomia, sendo, portanto, o nível de satisfação dessas necessidades que causarão no indivíduo a motivação intrínseca, avançando para a autodeterminação do mesmo.

Com isso, Weinberg e Gould (2001) apresentam estratégias para elevar a motivação intrínseca nos estudantes, algumas delas são: proporcionar experiências de sucesso, recompensar conforme o desempenho, elogiar verbalmente e não verbalmente, variar os exercícios envolvendo os estudantes na elaboração das aulas, etc. Dentre essas estratégias apontadas pelos autores, percebemos que o entorno, o meio, influencia muito quanto à motivação, o ambiente externo ao indivíduo tem um importante papel em suas decisões, de forma que a motivação intrínseca sofre interferência direta da extrínseca.

A motivação extrínseca, por sua vez, condiz a tudo que é gerado fora do indivíduo, é a motivação gerada de fora para dentro, com base em recompensas





monetárias, fama, *status* social, entre outras. Pizani et al. (2014, p. 261) ainda afirmam que “pode ser definida como um comportamento que leva o indivíduo a fazer uma atividade vislumbrando recompensas”.

Esse tipo de motivação ocorre quando a atividade é executada por indivíduos que preconizam mais os resultados do que a atividade propriamente dita, ao ponto que caso essas recompensas sejam retiradas, o nível motivacional também será retirado em conjunto (BIDDLE et al., 2001 *apud* PIZANI et al., 2014).

Já para Samulski (1992), a motivação extrínseca, atribuída por determinantes externos, pode ser afetada por dois principais componentes, por meio de incentivos e por dificuldades e problemas. No que compete a incentivos, as recompensas financeiras, sociais, os prêmios e elogios, são todos esses fatores determinantes de cunho externo e incentivadores. Já, referente às dificuldades e problemas, podem ser entendidos quando se apresentam problemas na execução de determinada tarefa, seja pelo alto nível de dificuldade ou facilidade exacerbada, além de problemas ambientais como uma chuva, espectadores, entre outros.

Segundo Deci e Ryan (1985), a motivação extrínseca pode ser classificada em três níveis, à saber:

1. Motivação Extrínseca Regulação identificada (MERID): É a motivação por meio de benefícios oriundos de uma determinada atividade, pode ser pautada pela expressão “porque quero aprender novas habilidades”;

2. Motivação Extrínseca Regulação Introjetada (MERIN): Condiz com pressões internas, com base na culpa e ansiedade, geração de conflitos internos, com medo do fracasso entendido como castigo por não se esforçar;

3. Motivação Extrínseca Regulação Externa (MERE): Cujas qual é controlada por recompensas e ameaças, pelo medo da rejeição ou do fracasso. Conforme também apontam Weinberg e Gould (2001), é o nível de motivação mais próximo da desmotivação (amotivação), quase no limite inicial do *continuum* da autodeterminação.

Ainda sobre os diferentes tipos de motivação extrínseca, existe a Regulação Integrada, que conforme Engelmann (2010),

É considerada, na visão teórica da Teoria da Autodeterminação, como a forma mais autônoma de motivação extrínseca, mas diferentemente da motivação intrínseca, na qual o envolvimento na atividade ocorre pelo interesse pessoal e o prazer a ela inerentes. Na regulação integrada, ainda é necessário um elemento externo que regula a atividade, que pode ser o reconhecimento, diploma ou mesmo a conclusão de um trabalho (p. 57).

Na literatura, a motivação por vias extrínsecas é criticada por muitos autores, dando preferência para a motivação intrínseca, pois a mesma leva à autodeterminação, algo que na extrínseca está longínquo (DECI e RYAN, 1985; WEINBERG e GOULD, 2001; OLIVEIRA, 2018; PIZANI et al, 2014).

Concomitante a isso, Deci e Flaste (1995) enfatizam:

O controle extrínseco frequentemente faz com que as pessoas focalizem somente os resultados, e isso leva a caminhos mais curtos que podem ser antiéticos, ou simplesmente lamentáveis, fazendo assim, estão extremamente distantes das experiências revigorantes que a motivação intrínseca pode trazer [...] estudos revelaram que as pessoas têm um desempenho pior ao resolverem problemas quando trabalham por uma recompensa extrínseca do que quando estão intrinsecamente motivadas (p. 54-58).

Para Deci (1971,1972) *apud* Weiberg e Gould (2001), pessoas recompensadas monetariamente para participar de determinada atividade (extrinsecamente motivadas) participam com um menor tempo do que pessoas que não são remuneradas (motivadas intrinsecamente). Portanto, ser remunerado para executar alguma tarefa pode diminuir a motivação intrínseca do indivíduo por aquela atividade e aumentar a sua motivação extrínseca. Com base nisso, parece claro afirmar que a aprendizagem é intensificada quando feita pautada na motivação intrínseca em detrimento da extrínseca.

Frente a isso, passa a ser possível um melhor entendimento de como ocorre a falta de motivação, pois se a motivação do indivíduo se dá apenas pela busca de um determinado benefício, a chance do motivo para a ação deixar de existir caso a recompensa seja retirada, aumenta consideravelmente, o que culminará na desmotivação.



A desmotivação ou amotivação é então um dos principais sintomas para a “não prática” ou o simples desinteresse das atividades físicas. Para Deci e Ryan (1985) na teoria da autodeterminação, ou *self-determination theory (SDT)*, a amotivação é o ponto mais extremo à esquerda do *Continuum* da Autodeterminação, tendo opostamente à direita, como extremo, a autodeterminação (indivíduo motivado intrinsecamente). Então, como citado, na teoria dos autores existem os estágios motivacionais, o primeiro deles é a inexistência, ou seja, a desmotivação, seguido de motivação extrínseca (e suas variáveis), intrínseca (e suas variáveis) e autodeterminação.

A falta de motivação, portanto, acontece quando há falta de estímulos oriundos dos ambientes externo e interno ao indivíduo (motivação extrínseca e intrínseca), experimentando sentimentos difusos de incompetência e de falta de controle, quando o indivíduo não se importa mais com o que está sendo feito (WEINBERG e GOULD, 2001).

Com isso, podemos então entender a amotivação, segundo Balbinotti et al. (2011) como um estado emocional encontrado nos indivíduos que não “enxergam” sentido, que não identificam bons e reais motivos para executar determinada ação, determinada atividade, sendo desmotivado, sem interesse em participar, algo que difere de um indivíduo intrinsecamente motivado, o qual ingressa em determinada atividade por sua própria vontade, e difere também de um indivíduo extrinsecamente motivado, que participa de uma atividade por estímulos ambientais.

Frente a isso, existem diversos estudos na área da Educação Física Escolar, em especial na etapa do Ensino Médio, que se dedicaram a tentar contemplar e entender esse fenômeno, de modo a auxiliar em futuras análises deste e outros contextos educacionais.

Um estudo realizado por Oliveira (2018), o qual tinha como objetivo investigar a motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, em uma Escola do Município de Ribeirão Preto/SP, revelou que a desmotivação dos estudantes nas aulas se intensifica após o 6º ano do Ensino Fundamental, algo que pode nos

demonstrar a importância de se instigar a motivação do estudante nos anos iniciais da vida escolar, para essa perdurar durante toda a vida do mesmo.

Outro estudo investigando a motivação nas aulas de Educação Física, dessa vez no Ensino Médio, foi realizado por Paludo (2015) em uma Escola de Porto Alegre/RS, no qual identificou que a Educação Física Escolar foi observada como gradativamente desestimulante ao longo da trajetória educacional de grande parte dos estudantes investigados.

Já, uma investigação também sobre a motivação dos estudantes nas aulas de Educação Física no Ensino Médio desta vez em São Leopoldo/RS, realizada por Da Silva (2017) no seu TCC do curso de Educação Física da UNISINOS, revelou que a motivação intrínseca nos estudantes é maior que a motivação extrínseca.

Frente a isso, os achados de Silva (2018) em sua dissertação de Mestrado, em um estudo sobre os fatores motivacionais nas aulas de Educação Física em estudantes do Ensino Médio na cidade de Humaitá/AM, também evidenciam uma presença de motivação intrínseca maior que extrínseca por parte dos estudantes, e ainda enaltece a participação do professor no desenvolvimento da motivação nas aulas.

Percebemos então que os estudos em sua maioria apresentaram dados que nos levam a acreditar que a motivação intrínseca é tida como fator motivacional principal para a participação nas aulas de Educação Física e que a motivação extrínseca normalmente é desenvolvida com o auxílio do professor, ou seja, o professor é diretamente responsável em estimular os estudantes em suas aulas, um professor motivado tende a motivar seus estudantes, fazendo com que estes participem mais ativamente nas aulas.

## **Metodologia**

Para o desenvolvimento deste estudo foi utilizada uma metodologia de cunho qualitativo, que segundo Pope e Mays (2009), está relacionada ao significado que as pessoas atribuem às suas experiências sociais, comportamentais e de interação, estudando os ambientes naturais, relacionada à base descritiva das pessoas e não a meras informações optativas e elaboradas previamente pelo pesquisador.



A coleta de informações foi realizada junto ao Colégio Estadual Carlos Fagundes de Mello, localizado no Município de Porto Alegre/RS. Para a escolha dos estudantes que seriam investigados, utilizou-se de uma amostragem não probabilística intencional, na qual o pesquisador analisa um determinado fenômeno sem generalização universal do objeto de pesquisa (OLIVEIRA, 2005). Neste sentido, foram investigados 20 estudantes de duas turmas do 3º (terceiro) ano do Ensino Médio, sendo dez estudantes do gênero masculino e dez estudantes do gênero feminino, onde foram adotados os seguintes critérios de inclusão: Estudantes regularmente matriculados no 3º ano do Ensino Médio; Ser estudante das Escolas investigadas desde o 1º ano do Ensino Médio; Aceitar participar do estudo.

Para a realização da pesquisa, primeiramente foi solicitado à Direção da Escola a autorização para realizar o estudo, mediante a assinatura de um Termo de Autorização Institucional - TAI. Após a assinatura deste documento, foi feito um contato com os/as estudantes objetos de estudo, para tomarem conhecimento dos objetivos da pesquisa a ser realizada e também para a definição da amostragem.

Em relação à coleta de informações, realizou-se entrevistas com os estudantes investigados, a partir de um roteiro semiestruturado, sendo estas realizadas no período que corresponde entre os dias 23 de agosto a 20 de setembro de 2019.

Já, para a análise dos dados obtidos, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo, que de acordo com Bardin (1977), é um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” e do modo de interpretação que se tem como objetivo, sendo, portanto, um conjunto de técnicas de análise das comunicações que faz uso de procedimentos sistemáticos e objetivos para a descrição do conteúdo das mensagens. Ao se utilizar este método de Análise de Conteúdo, os dados coletados foram organizados em categorias de análise, onde se realizou o cruzamento das informações advindas das entrevistas com os autores do referencial teórico construído no estudo.

Quanto aos procedimentos éticos, os participantes do presente estudo não foram submetidos a qualquer transtorno, constrangimento ou desconforto durante as

entrevistas, uma vez que tiveram seus dados pessoais preservados. As entrevistas aconteceram de forma consentida pelo participante ou pelo seu responsável legal (nos casos de menores de idade), mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

A participação na pesquisa ocorreu de modo voluntário, sem remuneração financeira ou de qualquer outro tipo, sendo então os participantes livres para desistirem ou negar a sua participação na investigação em questão. Cabe ainda ressaltar que todos os dados ficarão guardados e, passado o período de um ano, os mesmos serão descartados.

### **Discussão dos resultados**

A partir da realização das entrevistas, bem como a obtenção das informações dos autores pertencentes ao referencial teórico e com base nos objetivos específicos, foi possível organizar as seguintes categorias de análise: A motivação Intrínseca nas aulas de Educação Física; A motivação extrínseca nas aulas de Educação Física e a desmotivação nas aulas de Educação Física, às quais serão melhores apresentadas a seguir.

#### **A motivação intrínseca nas aulas de Educação Física**

Ao questionarmos os estudantes entrevistados a respeito do que ou o que os motivam a participar das aulas de Educação Física, as respostas obtidas no que se refere à motivação intrínseca nos apontam que, a maioria (exceto os quadros de amotivação) se motivam intrinsecamente por dois principais vieses:

A motivação relacionada com a execução de determinado esporte ou atividade física da preferência do estudante e o prazer proporcionado por essa atividade;

A motivação baseada na consciência dos benefícios provenientes da atividade física para o bem-estar social, emocional e físico (qualidade de vida do ser humano).

Sendo assim, identificamos que a motivação intrínseca neste caso é classificada em prazer pela prática (focada na execução) e pela consciência dos benefícios proporcionados por ela.



Podemos identificar a motivação intrínseca baseada na execução de determinada atividade ou esporte, quando perguntado aos estudantes entrevistados o que os motivam a participarem e o que gostam nas respectivas aulas. Algo de possível observação nas seguintes falas: “[...] *prazer mesmo, eu gosto de jogar futebol, de atividade física, de[...] é eu gosto de jogar*”. (ESTUDANTE 1). “*Ah, corrida né, para manter o ritmo que é um negócio que está sempre no nosso dia-a-dia, e um futebol por causa que tá no sangue [risos] né*”. (ESTUDANTE 7).

Já, quanto à citada motivação intrínseca pautada nos benefícios físicos, sociais e emocionais (qualidade de vida) oriundos da prática de atividades físicas, podemos identificá-la nos seguintes relatos: “*ahh é porque sempre quando eu vou, faço alguma atividade da Educação Física eu sempre fico mais disposta assim, então eu gosto de participar por esse motivo*”. (ESTUDANTE 9). “*Baah [...] acho que é o conhecimento também, e também pela matéria... tem umas partes que eu gosto também de saber, os exercícios e as partes do corpo*”. (ESTUDANTE 12).

As falas dos estudantes entrevistados vão ao encontro do que Weinberg e Gould (2001) explicam sobre a motivação intrínseca, acerca da divisão da mesma em: conhecimento, como forma de aprender novas habilidades e de estímulos, oriundos do ambiente e da atividade, ou seja, as causas da ação motivam a agir.

Essas duas formas (conhecimento e estímulos) relacionam-se diretamente com a motivação intrínseca obtida por meio do saber, da conquista do bem-estar, algo perceptível na fala abaixo do estudante 15, por exemplo.

*É os colegas, os amigos ali, a professora também, que tá sempre ali brincando com a gente né, há incentivando ali, ‘ah façam esporte, é bom pra saúde’, e também porque é uma atividade da Educação Física, ela ajuda muito o nosso organismo né, a manter o açúcar equilibrado, o corpo saudável, para não ficar todo, como é que se diz? ...todo entrevado, e ficar sempre com disposição para fazer as coisas, porque sem esporte as pessoas, elas são pessoas bem sonolentas, não tem vigor para fazer nada, mesmo sendo jovens, só gostam de ficar dentro de casa, não gostam de se relacionar com outras pessoas, através do esporte, além do esporte ser uma inclusão social né, todo mundo consegue ser amigo, há perder a timidez através dos esportes.* (ESTUDANTE 15).

Há ainda outra situação que envolve a motivação Intrínseca, a qual é explicada por Weiberg e Gould (2001), que é a realização, funcionando como uma forma de satisfação própria do indivíduo, algo de possível identificação na

apresentação dos estudantes frente à motivação pautada na execução de determinados esportes ou atividades físicas, das quais os mesmos têm um nível de prazer em executá-las e, com isso, realizando-se pessoalmente.

O simples fato da realização de tais práticas corporais pelos estudantes já os aproximam da autodeterminação ou *Self-Determination Theory (SDT)* sobre o *continuum* da autodeterminação de Deci e Ryan (1985), no momento em que estes autores consideram que a SDT é esse *continuum*, cujo qual parte da desmotivação, passando pela motivação extrínseca até a motivação intrínseca e automotivação. Sendo assim, para migrar de uma extremidade para a outra, se faz necessário satisfazer as três necessidades básicas inerentes ao ser humano, competência, relacionamento e autonomia.

Quanto à SDT ou automotivação, uma das necessidades para se tê-la, como explicado, é o relacionamento, relacionamento este com os demais praticantes, mas, sobretudo, com a ação a ser realizada, algo identificável em um trecho da entrevista com a estudante: “*eu gosto de me alongar, primeiro a gente caminha assim ou corre assim e depois se alonga [pausa longa] é bom né por daí “coiseia” os músculos e estrala o corpo*”. (ESTUDANTE 3).

Ou seja, com tal afirmação podemos perceber que, sim, há um relacionamento da estudante em questão para com a prática citada, há envolvimento, ela sente a melhora em sua qualidade de vida, algo extremamente essencial para a SDT defendida por Deci e Ryan (1985), pois relacionar-se e entender os benefícios alcançáveis é um grande fator incentivador, uma vez que se o indivíduo percebe e apropria-se do motivo para realizar algo, e este motivo é positivo, a motivação é gerada. Com base nisso, percebemos que quando se gosta do que se executa, ou ainda, quando se entende os benefícios inerentes à determinada ação, a motivação sempre será maior.

Então, se a motivação gerada de forma intrínseca se dá pelo entendimento dos benefícios que a atividade trará ou pelo gosto particular de determinado esporte ou exercício físico, entendemos que o professor de Educação Física deve buscar ser





o principal motivador do ambiente externo (aula), para assim potencializar a motivação interna nos estudantes.

Neste sentido, as aulas ministradas pelo professor, assim como a sua didática, são os principais mecanismos para potencializar esta motivação dos seus estudantes. Suas aulas devem possibilitar uma maior vivência das culturas corporais do movimento humano, a partir de um viés conscientizador do movimento corporal e sua importância, isto é, apresentar aos estudantes os benefícios que a prática regular de atividades físicas os proporcionará, envolvendo os discentes na elaboração das aulas, recompensando seus esforços e os elogiando, algo que é também descrito por Weinberg e Gould (2001). Desta forma, haverá uma maior probabilidade de se estimular a motivação intrínseca dos estudantes para participarem das aulas de Educação Física com maior envolvimento e interesse.

### **A motivação extrínseca nas aulas de Educação Física**

A motivação extrínseca, como descrita por Pizani (2014) é todo e qualquer comportamento que pode induzir determinado indivíduo a realizar uma tarefa subsidiado em uma recompensa posterior.

Ao analisarmos as falas presentes nas entrevistas, identificamos a motivação extrínseca sobre o viés descrito por Samulski (1992), onde explica este tipo de motivação como sendo passível de duas principais atribuições externas, por meio de incentivos e por dificuldades e problemas, situações estas determinantes para a prática ou não de qualquer atividade física.

A motivação extrínseca está presente no meio do *continuum* da autodeterminação, entre a desmotivação e a motivação intrínseca e, com isso, entende-se que a mesma faz parte do processo propulsor para se atingir os estágios mais elevados de motivação nos indivíduos. Este tipo de motivação, como pode ser percebido, é o ponto de partida rumo à motivação intrínseca e posteriormente para a automotivação, porém é um ponto “perigoso”, pois um indivíduo que executa qualquer ação baseado em ganhos posteriores, por exemplo, quando não tiver mais tais ganhos, a motivação acabará.

Com esse fato, tal meio de motivação é criticado por diversos autores (DECI e RYAN, 1985; WEINBERG e GOULD, 2001; PIZANI et al., 2006), pois além de estar muito distante da preferida SDT, não é uma motivação autêntica do indivíduo, como Deci e Flaste (1995) também esclarecem que, além de não haver necessariamente esta identificação da pessoa para com a prática, o que pode levar a práticas antiéticas para se obter os resultados, a busca e os resultados inerentes a motivação extrínseca são muito menores do que em indivíduos motivados intrinsecamente.

No que se refere à motivação extrínseca, mais especificamente em relação à motivação extrínseca identificada - MERID (DECI e RYAN, 1985), na qual a motivação está baseada nos benefícios dos meios externos em relação ao indivíduo, identificamos este tipo de motivação nas seguintes falas dos estudantes entrevistados abaixo, quando os mesmos reconhecem que a professora exerce um papel de motivador nas aulas: *“ela é bem rígida com nós, e como a gente gosta muita dela, ela é muito gente boa, então eu acho que a motivação é essa, a aula que ela dá nós concluímos”*. (ESTUDANTE 7).

*Hãã, quando a professora faz exercícios com cone, com arcos, essas coisas, é bom pra gente, para a gente se mexer mais né, porque tem gente que fica parado mesmo no resto da aula, então eu acho que [...] é bem legal.* (ESTUDANTE 11).

Já, baseando-se na motivação extrínseca como forma de regulação externa - MERE (DECI e RYAN, 1985), esta entendida como o medo do fracasso e pautada em recompensas, observamos sua incidência em poucos estudantes entrevistados, conforme os relatos: *“eu acho que eu participo só por causa da nota”*. (ESTUDANTE 2). *“Acho que as notas, a aprovação, acho que só isso mesmo [risos]”*. (ESTUDANTE 20).

No entanto, há ainda outro ponto de suma relevância a ser ressaltado, que é a variação das atividades ministradas nas aulas. Segundo os relatos obtidos com as entrevistas, a maioria dos estudantes citou que se motivaria mais caso a professora variasse as metodologias, os esportes e as práticas corporais em geral aplicadas nas aulas, isto é, saísse da mesmice apontada pelos estudantes. Algo perceptível em algumas das seguintes falas abaixo:



*Se a gente tivesse mais coisas pra fazer além de só correr, e alongamento, sabe? Coisas diferentes... ia ser melhor, porque agora “têmo” no inverno, mas a sora tá sempre levando a gente no Humaitá (parque próximo à escola) ali [...] para correr ali porque é um lugar diferente para se caminhar [...] acho que seria bem legal se tivesse coisas mais diferentes do que só alongar, caminhar, correr e depois ver os guris jogar bola o resto do tempo. (ESTUDANTE 3).*

*Procurar fazer esportes diferentes, tipo basquete a gente não joga muito, vôlei é só às vezes, é mais futebol mesmo, e tipo, a gente poderia até jogar tênis no caso... eu joga tênis fora daqui e eu acho que seria no mínimo interessante a gente praticar um pouco. (ESTUDANTE 11).*

Neste sentido, levando em consideração as falas dos estudantes entrevistados e sobre o que cita o referencial teórico utilizado, consideramos ser possível compreender que há três maneiras de motivação externa nos indivíduos, a motivação com base no que acontece nas aulas e com a professora, a motivação pautada em benefícios, sendo eles a nota para a aprovação ou qualquer outro fator, e por último há ainda o que os estudantes enxergam como sendo um fator que porventura os motivaria a participar das respectivas aulas, fator este que diz respeito à variedade das aulas que a professora ministra.

Portanto, entendemos que a participação dos estudantes nas aulas, levando em conta o viés extrínseco, dá-se com base no docente (Motivação Extrínseca Regulação Identificada), na nota (Motivação Extrínseca Regulação Externa) e na aula em si, ou seja, o professor com sua didática e variedade nas propostas apresentadas nas aulas motiva os estudantes a executarem as respectivas aulas, fugindo da motivação baseada na simples aprovação na atividade curricular e na sua obrigatoriedade.

Desta forma, acreditamos que a função do professor, na busca de deixar os seus estudantes mais motivados a participarem de suas aulas, seria a de desenvolver diferentes metodologias em suas aulas, para variar não somente os conteúdos, mas também a forma de ministrá-los, para com isso apresentar uma maior gama de atividades física, das quais os estudantes possam se interessar para posteriormente levá-las para a vida adulta. No entanto se faz necessário sempre o entendimento de que a motivação dos estudantes para com as aulas não é um papel exclusivo do docente, há uma variedade de fatores que estão fora do alcance do professor que também influenciam nesse processo motivacional.

## A desmotivação nas aulas de Educação Física

A desmotivação ou amotivação caracteriza-se pela inexistência de qualquer tipo de motivação, ou seja, é quando o indivíduo não enxerga nenhum sentido em executar determinada atividade. (BALBINOTTI et al., 2011).

Ao perguntarmos aos estudantes sobre o que os desmotivava a participar das aulas de Educação Física e, até mesmo no que diz respeito ao que os motivava, uma minoria apresentou respostas condizentes com a presença de desmotivação. Percebemos também que alguns outros estudantes entrevistados, que apresentavam a motivação extrínseca em participar de suas aulas de Educação Física, apresentavam também certa desmotivação em determinados momentos de suas participações nas aulas.

Segundo estes estudantes entrevistados, a desmotivação viria relacionada à metodologia praticada pela sua professora nas aulas e devido a alguns acontecimentos que porventura ocorrem no desenvolvimento das aulas, como, por exemplo, brigas e discussões entre os estudantes. Estas situações foram possíveis de ser identificadas nas seguintes falas abaixo dos estudantes: *“éééé... o que me desmotiva? Talvez seja só caminhar, daí fica, bah coisa chata só caminhar, não tem outra coisa, não tem variedade”*. (ESTUDANTE 9). *“Quando tem alguma briga, uma discussão entre eles no caso, isso desmotiva”*. (ESTUDANTE 11).

Porém, tivemos também a possibilidade de identificar alguns estudantes com total desmotivação para participar das suas aulas de Educação Física, principalmente, quando foi perguntado aos estudantes sobre o que mais gostavam nas suas aulas de Educação Física, conforme pode ser observado nos relatos a seguir: *“Ahhh não sei... não tem nada que eu goste”*. (ESTUDANTE 2). *“O desinteresse do pessoal, isso sim, a desmotivação do pessoal me desanima”*. (ESTUDANTE 8).

Neste sentido, levando em consideração o exposto sobre a desmotivação presente nos estudantes conforme as entrevistas, foi possível perceber que tal falta de motivação se dá com base na inexistência de identificação e significância que os estudantes têm para com as atividades físicas, assim como Weinberg e Gould



(2001) descrevem que a amotivação é algo decorrente de um déficit de auxílios e estímulos provenientes do ambiente externo e interno em relação ao ser humano, sendo assim uma falta de importância do indivíduo para com o que se está fazendo.

O conteúdo presente nas entrevistas dos estudantes evidencia a desmotivação, tal qual Balbinotti et al. (2011) explicam, como sendo um estado no qual o indivíduo não visualiza sentido em executar determinada ação, não percebendo motivos plausíveis para tal prática. Diferente então do que ocorre em indivíduos motivados intrinsecamente e extrinsecamente, os indivíduos desmotivados não tem qualquer tipo de ligação que os façam querer executar a prática em questão.

Com base nos relatos dos estudantes entrevistados e na relação com o referencial teórico acerca da desmotivação, temos o entendimento que a falta de motivação nos estudantes se dá por uma não conexão destes com as atividades realizadas nas aulas de Educação Física, e até mesmo por uma baixa motivação extrínseca, isto é, quando o que é ofertado pelo ambiente da aula é insuficiente, conforme o ponto de vista dos estudantes, para motivar suas participações.

Outro ponto de relevância que citamos, é o fato de que os estudantes que apresentaram quadros de completa desmotivação são todos do gênero feminino, o que pode indicar, ao menos no contexto estudado, que a desmotivação nas aulas de Educação Física se faz presente mais fortemente no público feminino. Algo que pode ocorrer por uma série de fatores não estudados no presente estudo, desde fatores sociais e de gênero, como em respeito às vivências ao longo da vida estudantil destas estudantes.

Portanto, fortalece-se ainda mais a importância do professor desenvolver em suas aulas uma diversidade de conteúdos e de propostas inovadoras, para que desta forma ele tenha a possibilidade de resgatar aqueles estudantes que apresentam quadros de desmotivação nas suas aulas, demonstrando para estes que as aulas de Educação Física podem ser prazerosas e que podem contribuir para o bem-estar social, físico e mental deles.

Entretanto, cabe ressaltar ainda que a responsabilidade da falta de motivação dos estudantes para as aulas não pode ser unicamente colocada sobre os professores e suas aulas, pois existe uma gama de fatores que desencadeiam a desmotivação para algo, e por isso deve-se sempre levar em conta a existência de outras variáveis importantes que influem neste aspecto.

### **Considerações finais**

Com base na realização do presente estudo sobre a Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio, identificamos que, dentre os estudantes investigados, a motivação para a participação nas aulas de Educação Física se dá majoritariamente pelo viés intrínseco, onde estes se sentem motivados principalmente pelo gosto da prática de determinada atividade física ou então pelo entendimento dos benefícios atribuídos à prática regular de atividades físicas.

Referente à motivação extrínseca, percebemos que, mesmo com a incidência deste tipo de motivação ser menor em relação à motivação intrínseca, a mesma apresentou forte influência nos estudantes, tendo como principais aspectos relacionados a esta motivação: as aulas e seus acontecimentos (exercícios propostos em aula e a participação dos demais estudantes nas respectivas atividades), a motivação gerada pela própria professora e a recompensa da nota a ser atribuída no boletim escolar.

Já, quanto à desmotivação dos estudantes para participarem das aulas de Educação Física, identificamos poucos estudantes apresentando desmotivação. Esta desmotivação identificada vinha da falta de diversidade nos conteúdos aplicados no decorrer das aulas de Educação Física, às quais acabavam contemplando na maioria das vezes a prática do Futebol, Futsal e Voleibol, sem muitas variações.

Frente ao cenário investigado, em relação ao modo como os estudantes se apresentavam motivados e desmotivados a participarem das aulas de Educação Física, pensamos que deva ocorrer na Escola investigada, uma maior variedade nos conteúdos a serem ensinados, além de uma maior conscientização para a importância de cuidar do corpo, de maneira que a responsabilidade frente à



motivação dos estudantes tenha um caráter amplo, fazendo parte de toda a comunidade escolar e não unicamente do professor e sua metodologia.

Neste sentido, sugerimos que haja um maior número de investigações desta mesma natureza, na busca de estarmos desenvolvendo as aulas de Educação Física no Ensino Médio para estudantes que estejam cada vez mais motivados e envolvidos com o este processo.

## Referências

BALBINOTTI M. A. A., ZAMBONATO F., M. L. L. BARBOSA, R. P. SALDANHA & C. A. A. BALBINOTTI. **Motivação à prática regular de atividades físicas e esportivas: um estudo comparativo entre estudantes com sobrepeso, obesos e eutróficos**. Motriz, Rio Claro, v.17 n.3, p.384-394, jul./set. 2011. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198065742011000300002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198065742011000300002&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 5 jun. 2019

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)> Acesso em: 3 abr. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf)>. Acesso em: 3 abr. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 7 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Novo Ensino Médio**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://novoensinomedio.mec.gov.br/>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

DA SILVA, Ana Beatriz. **A motivação dos alunos nas aulas de Educação Física no Ensino Médio**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2017.

DECI, Edward; RYAN, Richard. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum Press; 1985.

DECI, Edward; FLASTE, Richard. **Why We Do What We Do: understanding self-motivation**. Penguin Books, 1995.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v.5, n. 1, jan./jun. 2020, p. 56-80.

Recebido em: 25/03/2020

Publicado em: 21/09/2020

ENGELMANN, Erico. **A motivação de alunos dos cursos de artes de uma Universidade Pública do Norte do Paraná**. 2010, 129f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, PR. Disponível em: <[http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UDEL\\_5d7e214b582699fa20cd69ebb649adc2](http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UDEL_5d7e214b582699fa20cd69ebb649adc2)>.

Acesso em: 13 jun. 2019.

FERNANDES, Helder Miguel; VASCONCELO-RAPOSO, José. Continuum de Auto-Determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo. **Estudos de Psicologia. (Natal)**, Natal, v. 10, n. 3, p. 385-395, Dec. 2005. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413294X2005000300007](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2005000300007)>. Acesso em: 25 abr. 2019.

KLEIN, Ruben. **Como está a educação no Brasil? O que fazer?**. Ensaio: Avaliação em Políticas Públicas e Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 51, p. 139-171, Jun. 2006. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362006000200002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000200002)>. Acesso em: 12 mar. 2019.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de pesquisa** v.41 n.144 set./dez. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a06.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2019.

MAXIMIANO, Antônio Cesar Amaru. **Teoria Geral da Administração**. São Paulo. Editora Atlas, 2004.

OLIVEIRA, Eduardo Henrique de. **Motivação nas Aulas de Educação Física: perspectiva dos alunos do ensino fundamental**. 2018, 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

OLIVEIRA, Maria de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Revista e ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PALUDO, Daniela Prado. **A motivação das Aulas de Educação Física para Estudantes do Ensino Médio**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2015.

PIZANI et al. (Des) motivação na Educação Física escolar: uma análise a partir da teoria da autodeterminação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 38, n. 3, p. 259 – 266, jul. – set. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbce/v38n3/0101-3289-rbce-38-03-0259.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas (Orgs). 3ª ed. **Pesquisa Qualitativa na Atenção à Saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ROSS, J.G.; GILBERT, G.G. The national children and youth fitness study: a summary of finding. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v.56, n.1, p.45-50, 1985. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/234582772\\_National\\_Children\\_and\\_Youth\\_Fitness\\_Study](https://www.researchgate.net/publication/234582772_National_Children_and_Youth_Fitness_Study)>. Acesso em: 14 jun. 2019.





SAMULSKI, Dietmar Martin. **Psicologia do Esporte**: teoria e aplicação prática. 1. Ed. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1992.

SILVA, Adriana Lúcia Leal da. **Fatores Motivacionais a Prática das Aulas de Educação Física dos Estudantes do Ensino Médio, das Escolas Públicas Estaduais da Cidade de Humaitá-AM**. 2018.174 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) – Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, Humaitá, Amazonas, 2018. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6867>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.